

CONVIVER

SEM BULLYING

COMPARTILHANDO RELAÇÕES DE RESPEITO

JOSÉ MARÍA AVILÉS MARTÍNEZ

CONviver

SEM BULLYING

COMPARTILHANDO RELAÇÕES DE RESPEITO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057


Paulinas

Martinez, José M. Avilés

Conviver sem bullying : compartilhando relações de respeito / José M. Avilés Martinez ; tradução de Oscar Ruben Lopez Maldonado. - São Paulo : Paulinas, 2024.

168 pp. (Coleção Psicologia, família e escola)

ISBN 978-65-5808-273-6

Título original: Convivir sin bullying: compartiendo relaciones de respeto

1. Bullying 2. Escola 3. Comportamento 4. Educação I. Título II. Maldonado, Oscar Ruben Lopez

24-0035

CDD 302.343

Índice para catálogo sistemático:

1. Bullying

Título original: Convivir sin bullying: compartiendo relaciones de respeto

© Narcea, S.A. de Ediciones, 2019.

Paseo Imperial, 53-55 - 28005 - Madrid - España

1ª edição – 2024

Direção-geral: *Ágda França*

Editora responsável: *Andréia Schweitzer*

Tradução: *Oscar Ruben Lopez Maldonado*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Mônica Elaine G. S. da Costa Neto*

Gerente de produção: *Felício Calegario*

Capa e diagramação: *Elaine Alves*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
(11) 2125-3500
✉ editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	
Entender o <i>bullying</i> no contexto dos problemas da convivência escolar.....	13
CAPÍTULO 2	
Do que falamos quando definimos o <i>bullying</i>	37
CAPÍTULO 3	
O que envolve a dinâmica do <i>bullying</i>	57
CAPÍTULO 4	
A intervenção	79
CAPÍTULO 5	
Na prática	113
SABER MAIS	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159

Introdução

O assédio entre iguais ou *bullying* é hoje um grande problema educacional, considerado relevante por todos os atores envolvidos na comunidade escolar. Tão relevante que muitas escolas o situam entre as suas prioridades de trabalho preventivo ao conceberem seus planos educacionais e de convivência. Os projetos educativos das escolas o identificam como um dos riscos a serem evitados e enfrentados. Os sistemas disciplinares das escolas o combatem com políticas punitivas para erradicá-lo.

De um ponto de vista mais preventivo e proativo, a partir de diferentes planos educativos e de convivência e, em menor medida, com projetos *antibullying* específicos, são 7 reunidas ações para tornar os espaços escolares mais saudáveis e seguros, livres de assédio, e para estabelecer relações socioemocionais construtivas que favoreçam o aprendizado e o rendimento acadêmico de forma mais favorável.

Essas vertentes de política educativa, no entanto, ainda estão longe de uma efetiva inserção no planejamento educacional da prática docente de cada equipe e de cada professor e professora. Apesar da convicção por parte dos profissionais da educação sobre a importância e a necessidade da prevenção do assédio – dada a incidência no bem-estar e no desenvolvimento equilibrado e harmônico da infância e da adolescência –, ainda não há domínio de uma ferramenta nem uma prática habitual entre a bagagem disponível dos docentes, quando precisam administrá-la de

forma efetiva nos grupos; ou, mais ainda, não se sabe se têm clareza sobre o que fazer para combatê-lo, quando se defrontam com ele, concretamente, numa sala de aula.

Por outro lado, a comunidade escolar precisa colocar o problema do assédio escolar em perspectiva e entendê-lo em toda a sua dimensão, partindo dos problemas de condutas evidentes que ele gera, assumindo e conhecendo as dinâmicas sociais de rejeição e aceitação que acarreta nos grupos, procurando evitar o grande impacto dos problemas emocionais resultantes da sua ocorrência, e não esquecendo algo muito importante: a gestão dos juízos e condenações morais que induz nos participantes.

Isso pressupõe duas *implicações educativas*. De um lado, considerar todas as dimensões do problema, das mais públicas

8 e visíveis às mais internas e pessoais; e, de outro, a direção dos mecanismos de gestão e os planos de ação contra o assédio, da regulamentação meramente externa, até o aprendizado dos mecanismos de autorregulação. Planos que são relevantes e decisivos para uma intervenção educativa global e completa.

Nesse sentido, discutir o *bullying* a partir de uma perspectiva moral obriga a tomá-lo em toda a sua profunda dimensão e implicações educativas. Isso supõe abordar, com os que dele participam, as representações que têm de si mesmos e das outras pessoas nessas dinâmicas, bem como construir de forma consciente valores justos e respeitosos nas dinâmicas relacionais; por fim, como se comprometer

com estruturas e ações assistenciais, quando o assédio começa a surgir no grupo de convivência.

Seguir essas perspectivas supõe reflexão e debate dentro da comunidade educacional e, especialmente, entre os profissionais da educação em postos de liderança. Implica situar o problema do assédio escolar no marco da relevância entre os problemas de convivência e agir conseqüentemente.

Isso supõe **fornir** a escola e a comunidade educacional de marcos de planificação, debate, avaliação, participação, ação e supervisão, para gerar estruturas e sinergias que permitam abordar a questão de forma coletiva. Nesse sentido, decisões sobre como construir um *projeto antibullying* na comunidade educacional, dotando-o de estruturas e ações visíveis das quais todos participem, é uma decisão fundamental. Reunir todas as decisões em torno desse projeto implica tornar visível a luta contra a violência nos espaços e tempos da comu-

nidade escolar e em cada um de seus setores.

9

Trabalhar nessa perspectiva supõe *organizar as ações* nas estruturas organizativas e na prática curricular da escola, bem como em suas decisões:

- *Do político ao organizativo.* As decisões de projeto educacional devem tomar corpo em decisões organizativas, como as de criar um “Grupo de Convivência” entre os professores, contar com estruturas de apoio, mentoria ou conselho entre os alunos ou estabelecer grupos de famílias que combatam a violência e eduquem seus filhos e filhas, de forma que

rejeitem o abuso como princípio moral. A visibilidade dessas estruturas, seu funcionamento e o reconhecimento de suas decisões na comunidade irão outorgar-lhes a legitimidade necessária para que o trabalho seja efetivo.

- *Do teórico ao prático.* Não basta saber e conhecer o que é o *bullying*, como ele se produz e se desenvolve. Trata-se de fornecer a quem luta contra ele ferramentas práticas de gestão para saber abordá-lo e geri-lo com segurança. O presente livro pretende colaborar com essa finalidade, lançando luz sobre o fenômeno para ajudar a conhecê-lo melhor, apresentando dinâmicas práticas que tornem mais eficientes aqueles que tentam administrá-lo. Não é suficiente a formação; o corpo docente necessita de treinamento.
- *Do programático ao funcional.* Não se trata de combater o *bullying* porque é adequado e está previsto no programa de uma escola; os membros da comunidade educacional devem tornar decisões basicamente funcionais sobre o *bullying*. O que vierem a realizar deve ser motivado pela

10 utilidade em resolver os problemas que tiverem diante de si e para que saibam fazê-lo. Não se deve fazer nada contra o *bullying* para “cumprir uma obrigação” ou porque assim o prescreve um programa.

A comunidade escolar tem diante de si uma série de desafios importantes, sobre os quais deve estabelecer prioridades na luta contra a violência.

A formação como treinamento

Até hoje houve muita formação e tentativas de aproximar os professores das ideias sobre o *bullying* e o seu funcionamento. Foram colocados em prática planos preventivos e linhas de ação pelas administrações educacionais. No entanto, ainda há um déficit em saber o que e como fazer, quando um professor em sua escola ou sala de aula encara um caso específico. É necessário implementar mecanismos de treinamento e gestão para perceber os casos em todas as suas dimensões, de forma a habilitar os mecanismos necessários que nos permitam abordá-los com suficientes garantias de êxito. Nesse sentido, é preciso haver menos formação e mais treinamento.

A prática intencional coordenada e conjunta

Deixemos de lutar contra o *bullying* por nossa conta. É urgente implementar medidas coletivas e no contexto de outras que afetam a convivência em geral. Isso não significa que não seja essencial programar medidas específicas contra a violência. Longe disso. No entanto, a visão holística, programada, coordenada e intencional, que envolve a implementação de ações em conjunto, torna-nos muito mais eficientes nesse sentido.¹¹ Conseguir uma cultura *antibullying* na comunidade educacional é um terreno fértil

que permite promover de forma muito mais intensa as medidas que programamos e realizamos contra o assédio. Os agressores terão muito menos espaço para manobras se o ambiente ao seu redor disser e fizer outras coisas, seguir em outra direção. E esse trabalho deve ser feito permanentemente, sem descanso.

Sempre dissemos que a luta contra o *bullying* não é uma corrida de velocidade, mas uma maratona. Não se trata de uma questão de moda. São ações que temos de incorporar em nossos projetos educacionais de forma permanente, porque a tentativa de exercer o poder de forma abusiva pode ocorrer a qualquer momento.

A estruturação em torno de um *projeto antibullying* útil

Isso nos leva naturalmente a ser efetivos e reunir todas as ações e ferramentas que dispomos contra o *bullying* em torno de um projeto visível, estável e participativo, que todos os membros da comunidade educacional reconheçam como a ferramenta mais prática e confiável à disposição para a defesa contra o assédio: o *projeto antibullying* da comunidade educacional.

Entender o *bullying* no contexto dos problemas da convivência escolar

Quando acontece um caso de *bullying*, ele não surge do nada.

Existem condições para que ele possa se desenvolver. **13** Seja porque há fatores que o favorecem, seja porque não há elementos preventivos adequados ou suficientes para conter e neutralizar a força com que ocorre.

Além disso, não se trata tanto de avaliar como o assédio surge ou pode surgir, mas de tomar consciência e de implementar ferramentas que possibilitem que seu trajeto seja, ou deva ser, necessariamente curto. Estamos falando de elementos preventivos, estruturais, de gestão, de cultura, de colaboração, que fazem com que o percurso que um caso de assédio possa ter diante de si seja limitado. Estamos falando de compreender o assédio no âmbito global da convivência em que ocorre e de avaliar o equilíbrio de fatores presentes nesse âmbito (*ecoconvivência*) que favorecem ou contradizem o próprio assédio.